

In memoriam

— Fernando José Pereira Florêncio (1959–2025)

Antropólogo, africanista e pedagogo



Jorge Varanda^{1a}



¹ CRIA – Centro em Rede de Investigação em Antropologia, Departamento Ciências da Vida, Universidade de Coimbra, Portugal.

^a orcid.org/0000-0002-2666-883X

O Fernando Florêncio foi um antropólogo africanista que marcou a sua geração. Reconhecido como um etnógrafo criterioso, destacou-se também como um pedagogo notável, de trato fácil, sempre voluntarioso e com um sentido de humor apurado. O Fernando era um africanista raro, com uma vasta e rica experiência de terreno. Contribuiu para a compreensão crítica das autoridades tradicionais e das suas dinâmicas no processo de construção do Estado. As várias vivências de campo nestas áreas do globo, em especial a sua passagem como coordenador da missão de Direitos Humanos da União Europeia no Ruanda, marcaram profundamente a sua biografia, produção académica e pedagogia. Com um percurso académico firmemente enraizado na etnografia, o seu trabalho notabilizou-se por considerar diversos universos epistemológicos — antropologia, história e ciência política — desafiando assim fronteiras disciplinares, ao mesmo tempo que resgatava vozes frequentemente silenciadas. O Fernando era igualmente conhecido por ser um orador brilhante, e apesar da sua exigência junto dos alunos, foi o professor mais vezes galardoado com o Prémio Malinowski, atribuído pelos alunos da antropologia da Universidade de Coimbra (UC).

Fernando José Pereira Florêncio nasceu a 2 de agosto de 1959 em Barcarena. O interesse pelos temas políticos, sociais e religiosos, advém de percursos familiares anteriores, contribuindo ainda a sua vivência no Liceu de Oeiras nos anos do

25 de abril de 1974. Em 1985 estuda antropologia, licenciando-se em 1990, seguindo depois para o mestrado em Desenvolvimento Económico e Social em África, ambos no ISCTE. A guerra civil em Angola ‘empurra-o’ para Moçambique, onde estudou o processo de transformação social veiculado pelo Estado pós-colonial no mundo rural, entre os Ndaú, no distrito do Búzi, província de Sofala, Moçambique. O terreno foi uma experiência transformadora, que como diria mais tarde: *O campo foi “a mãe de todas as batalhas. A primeira. As outras tu já vais, já sabes, já antecipas algumas coisas, corriges muitos dos outros disparates... A primeira, não. Vais virgem, completamente. Cru, virgem, ingénuo.”* (Gonçalves, 2022). Isso mesmo se vislumbra nas inúmeras estórias que partilhava como instrumento pedagógico durante as aulas, algumas das quais se encontram plasmadas nos seus textos de reflexão etnográfica.

Em 1995 volta ao terreno africano, mas desta feita sob outra capa: observador e chefe de equipa e, posteriormente coordenador do contingente de observadores da missão europeia de Direitos Humanos inserida na *United Nations Human Rights Mission For Rwanda* (1995–1997). Esta passagem pelo Ruanda, nos anos do genocídio, marca-o pelo pior que vivenciou, notando que foi ‘a experiência que moldou toda a postura emocional, intelectual e profissional seguinte’. Sobre este período, o Fernando falou sempre de forma reservada, publicando ainda menos. O único trabalho acadé-

mico, “Uma história de violência sob as brumas des Virunga. Morte e poder no Ruanda” saiu nos *Cadernos de Estudos Africanos* (Florêncio, 2011). É um ‘estado-da-arte’ sobre a relação entre etnicidade, Estado e poder, e é leitura obrigatória para melhor compreender a contemporaneidade na região dos Grandes Lagos, em África. As circunstâncias da morte de um colega de missão impulsionaram-no a regressar a Portugal, para junto da família. Além disso, redireciona-o para a academia. Segue-se, o doutoramento em Estudos Africanos pelo ISCTE, efetuado entre 1998–2003 — *Autoridades Tradicionais vaNdau, Estado e Política Local em Moçambique*, publicado mais tarde em livro (Florêncio, 2005). A decisão de prosseguir os estudos com o doutoramento no ISCTE seguiu-se à recusa de um convite para o realizar no King’s College London, pois, tal implicaria voltar ao Ruanda.

O seu último terreno africano, efetuado entre 2005–2007, já como professor da Universidade de Coimbra (UC). Neste trabalho, centra-se nas autoridades tradicionais Ovimbundo do planalto central de Angola no município do Bailundo. Contudo, a relação entre grupos étnicos e estado é ampliada, integrando temáticas como o pluralismo jurídico e religiosidades tradicionais. Mas, mais uma vez, o terreno não foi fácil, o que se traduziu em publicações analítica e etnograficamente valiosas das quais destaco — “No Reino da Toupeira. Autoridades Tradicionais do M’balundu e o Estado Angolano”, capítulo no livro *Vozes do Universo Rural: Reescre-*

vendo o Estado em África (Florêncio, 2010).

O seu trajeto académico inclui ainda uma longa experiência pedagógica, bem como o exercício de vários cargos de gestão académica. Em 2002, ainda enquanto estudante de doutoramento, iniciou a sua atividade de docente no então Departamento de Antropologia da UC. Nestes anos iniciais, partilhará aulas, como assistente, com os Professores Manuel Laranjeira Areias e Jacques Houart. Em 2004, passa a professor auxiliar da UC e nos 20 anos seguintes será regente de mais de duas dezenas de unidades curriculares. Foi, ainda, coordenador dos três níveis de estudo — licenciatura, mestrado e de doutoramento —, para além de coordenador de Erasmus. Os colegas sabiam que era presença assídua e constante nos seminários e eventos de antropologia, quer fossem estes de antropologia social e cultural ou biológica.

Esta dedicação refletia-se numa presença diária no departamento, com porta do gabinete sempre aberta. Também marcava sempre presença nos jantares de curso e nas galas dos estudantes. Por isso, ser habitual que alunos de licenciatura, mestrado ou doutoramento parassem no seu gabinete para dialogar sobre questões académicas ou sobre o trabalho de campo. Tanto os estudantes como o Núcleo de Estudantes de Antropologia da Associação Académica de Coimbra (NEA/AAC) recorriam frequentemente ao Fernando, coaptando-o para as suas atividades académicas, para ser o docente responsável pelos convívios ou até para

ajudar nas aulas-fantasma para os caloiros. O Fernando deixa ainda um vasto grupo de doutorandos em várias áreas temáticas, distribuídos por diversas universidades, tanto nacionais como estrangeiras. Um legado que reflete o alcance do seu saber, mas sobretudo a sua capacidade de acompanhar, com sensibilidade e liberdade, os alunos nos anos solitários do doutoramento. Para além da investigação e docência, participou ainda em várias de direções — Direção da Associação Portuguesa de Antropologia (APA); Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA) e coordenação do polo de Coimbra; Direção do Centro de Estudos Africanos (CEA) do ISCTE; e APECER — Academia para o Encontro das Religiões e Culturas da Universidade de Coimbra.

Nos anos de 2018–2019, vislumbra-se uma transformação na carreira do Fernando, marcada pela reaproximação a África à distância, através de outras tangibilidades. Fá-lo revisitando a sua experiência de terreno por um lado, por outro respondendo a solicitações para escrever sobre história, religião e cultura material. Esta mudança relaciona-se com vários fatores. A novas unidades curriculares que ministra na licenciatura no meadamente: *Antropologia da Religião e Etnografia e Trabalho de Campo*; a sua sabática em 2018–2019 onde inicia o estudo sobre o culto da Rainha Santa Isabel, que abandonará na epidemia; os diversos pedidos de contribuições académicas: sobre religião e cultura material, e a participação regular nos eventos da APE-

CER entre 2019–2025. Entre 1995–2007 as suas produções académicas centram-se em Moçambique, ganhando Angola atenção entre 2008–2017, enquanto os anos entre 2018–2025 verifica-se uma viragem para temáticas de religião e cultura material, bem como revisitações etnográficas. O vislumbrar da existência de outros públicos interessados nas suas experiências de terreno com temas religiosos em África força-o a desenrolar o novelo das autoridades tradicionais, re-legando o foco da política, e colocando no centro o cariz religioso destas. Destacam-se os capítulos de livro “A Religião Tradicional do Kongo. Entre Fetichismo e Resistência” do livro *Visto de Coimbra, O Colégio de Jesus entre Portugal e o Mundo* (Florêncio, 2020), bem como o texto “Religiões Étnicas: entre Tradição e Mudança”, integrado na obra *História das religiões. Da Origem dos Deuses às Religiões do Futuro* (Florêncio, 2023). O seu último livro *O Povo Ovimbundu. Angola: a partir das coleções da Universidade de Coimbra*, que partilhou autoria com Maria do Rosário Martins, marcará um outro deambular por Angola, desta feita através de cultura material (Martins e Florêncio, 2025).

Os seus textos são pautados por uma base etnográfica forte, com estadias prolongadas, um uso extensivo da observação participante, de olhares multidisciplinares e uma análise clara, e, nunca ideológica. As cores da etnografia levam o leitor para o terreno, tal é o detalhe vivencial e a cacofonia de vozes (locais), na maioria dos casos de pessoas que de

outro modo ficariam ‘fora’ da história. O resultado são análises interdisciplinares, não-exotizantes, longe das visões ideológicas e maniqueístas que ele criticava e tentava desmontar. “A etnografia não é filha menor da antropologia” recorda-nos ele na sua monografia (Florêncio, 2005).

Mas o legado do Fernando perpassa os títulos académicos. O seu percurso é um testemunho de uma postura atenta, reflexiva e muito ética face às comunidades que estudou, aos alunos com quem trabalhou e com todos os colegas com quem privou. Ele ficará na nossa memória como alguém profundamente humanista muito dedicado à antropologia e aos estudos africanos. A sua ausência deixa um vazio imenso, mas o seu trabalho, e o seu exemplo, continuarão a inspirar gerações de estudantes, colegas e investigadores. Cabe-nos a nós, na academia, dar a conhecer o seu trabalho e a honrar o legado que nos deixou.

Referências bibliográficas

- Florêncio, Fernando. 2023. Religiões étnicas: entre tradição e mudança. In: Gouveia Monteiro, J. (ed.). *História das religiões: da origem dos deuses às religiões do futuro*. Lisboa, Manuscrito: 47–71.
- Florêncio, Fernando. 2020. A religião tradicional do Kongo: entre fetichismo e resistência. In: *Visto de Coimbra: O Colégio de Jesus entre Portugal e o mundo*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra: 251–285. <https://doi.org/10.14195/978-989-26-1871-5>.
- Florêncio, Fernando. 2011. Uma história de violência sob as brumas des Virunga: morte e poder no Ruanda. *Cadernos de Estudos Africanos*, 21: 71–97.
- Florêncio, Fernando. 2010. *No reino da Toupeira: autoridades tradicionais do M'Balundu e o estado angolano*. In: Florêncio, F.; Dias, A. M.; Ribeiro, G. M.; Jauana, H.; Gonçalves, J. M.; Lourenço, V. A. (eds.). *Vozes do universo rural: reescrivendo o estado em África*. Lisboa, Centro de Estudos Africanos/ISCTE-IUL & Gerpress: 79–175.
- Florêncio, Fernando. 2005. *À procura dos mambo vanDau: estado e autoridades tradicionais em Moçambique*. Lisboa, Instituto de Ciências Sociais.
- Gonçalves, João. 2022. Pessoas: Fernando Florêncio. *CRIAcções* [Online]. Lisboa, Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA). [Acedido em 17-11-2025]. Disponível em: https://www.uc.pt/site/assets/files/786800/criacoes_pessoas_fernando_florencio_09_2022.pdf.
- Martins, Maria do Rosário & Florêncio, Fernando. 2025. *O Povo Ovimbundu. Angola: a partir das coleções da Universidade de Coimbra*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.

